

Lisboa e a electricidade durante a II Guerra

A **Guerra** apanha Lisboa quase desprevenida. O carvão consumido na Central Tejo é quase todo de origem inglesa e este país passa a pôr, dificuldades à exportação de carvão. As quantidades que chegam são reduzidas e sobretudo de má qualidade. Os mercados alternativos na Europa, seguem-lhe o exemplo. Os Estados Unidos são um dos

países que podem servir de alternativa, e daí chega algum carvão, mas a marinha mercante portuguesa está mal apetrechada e não tem capacidade para fazer empresa tão pesada. As alternativas internas são de má qualidade, porque de mais fraco poder calorífico: Carvões do Pejão, S. Pedro da Cova e Santa Susana, Lenhites de Rio Maior, etc.



Utilização de lenha nas Caldeiras de baixa Pressão da Central Tejo

A grande alternativa interna é a lenha. Só que não foi fácil adaptar uma Central preparada para consumir bom carvão inglês, para o consumo de lenha. Algumas caldeiras tiveram de ser adaptadas. O transporte do combustível até à boca da caldeira tinha de ser feito à mão. O pessoal da Central aumentou para o dobro. Os problemas de vaporização foram imensos e por vezes não foi possível

impedir a quebra da alimentação, total ou parcial, à cidade. Ficaram célebres vários “apagões”, como o de 3 de Novembro de 1940, em que faltou a luz à Exposição do Mundo Português durante uma manifestação “sindical” com a presença de Salazar, o que motivou uma encarniçada campanha de imprensa (Diário da Manhã) contra os interesses estrangeiros na economia portuguesa.



Exposição do Mundo Português, 1940

Entretanto, neste período alguns equipamentos foram instalados na Central para facilitar a produção, nestas condições: misturador de carvão; auxiliares de alta pressão; depósito de nafta (de que chegaram quantidades muito pequenas durante a guerra). Foram muito intensos

os esforços para que não faltasse o carvão e a lenha para a produção da Central, só que as dificuldades eram ainda maiores:

- o preço dos fretes aumentou em valor absoluto e,
- a necessidade de recorrer ao mercado americano aumentou-o ainda mais,
- o carvão diminuiu de qualidade: de Inglaterra houve períodos em que só chegou pó de carvão; o carvão americano, indiano e sul africano tinha tendência para a autocombustão.
- o carvão nacional era pouco por dificuldades de exploração e por ser desviado para a C.P.
- as lenhites eram de muito baixa capacidade calorífica
- as lenhas, bagaço de azeitona e outros sucedâneos tinham dificuldade em chegar devido à dificuldade em arranjar transporte terrestre e devido a não poderem ser transportadas por mar durante o inverno
- alturas houve em que os combustíveis eram requisitados pelo governo para utilização da CP, da Companhia Colonial de Navegação, dos barcos de pesca de arrasto, etc.
- a necessidade de empregar todo o tipo de combustível fez faltar o carvão e a lenha para o consumidor, o que levou à sua substituição generalizada por electricidade e gás, levando assim ao aumento do consumo.

Os piores anos foram os de 1942 e 1943, em que durante vários meses a produção baixou. (Nov 42 a Ago 43).

Em 1942 são decretadas restrições ao consumo: os particulares ficaram obrigados a restrições de 25% nos seus consumos relativamente ao

ano anterior, sob pena de pagarem o excedente a 10\$00 o kW/h, o que de facto, devido ao receio dos consumidores, baixou este tipo de consumos em 40%, a Iluminação Pública foi reduzida a 50%.

O ano de 1944 parecia a partir de certa altura promissor com a recepção de carregamentos britânicos mas dá-se uma viragem que leva à degradação da situação.

Nunca, durante a guerra foram autorizados aumentos no preço da electricidade, pois o governo temia o disparo da inflação.

A alimentação de Lisboa não parou, não tendo sequer os consumos globais diminuído, mas a curva ascendente quase estancou. Particularmente sacrificada foi a iluminação pública, em que os consumos foram reduzidos para praticamente metade. Mesmo assim algumas iniciativas do Estado têm forte participação da electricidade: é o caso da Exposição do Mundo Português.

A campanha publicitária parou logo em 1939. O Amigo do Lar parou a sua publicação, as vendas a prestações foram dificultadas,

etc., apenas tendo sido organizada, por iniciativa da Emissora Nacional, uma campanha de venda de aparelhos de Rádio. Sinal dos

tempos. No entanto a venda de aparelhos eléctricos não parou de aumentar.

Deu-se o aumento do consumo industrial devido à inviabilidade da autoprodução por falta de combustíveis, bem como devido ao apoio dado à Carris, à Central de Cachofarra e à Hidroeléctrica do Alto Alentejo e ao estaleiro da Central de Castelo do Bode.

As dificuldades mantiveram-se mesmo nos anos imediatamente após a Guerra: 1946/7 foram, ainda anos difíceis. Só nos finais de 1947 se normalizaram as remessas de combustíveis e as restrições ao consumo puderam ser levantadas.

Com o aproximar do fim da guerra todas as forças conscientes do problema se apressaram a apresentar soluções para a questão hidroeléctrica, que, tinha ficado claro, era a única solução possível. As CRGE constituem, conjuntamente com empresários do Norte, a Companhia Geral de Energia, para concorrer de novo à concessão de Castelo do Bode e dos rios Cavado e Rabagão e da Rede Eléctrica Nacional. A Companhia propõe ainda a ampliação da Central Tejo e a construção de uma nova Central Térmica, junto à Fábrica de Gás da Matinha, como soluções provisórias até à entrada em funcionamento de Castelo do Bode. No entanto a história tomará outro rumo.